
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

**AS PERSPECTIVAS DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE
FORMAS DE DIVISÕES DE EQUIPES PARA JOGOS COMPETITIVOS**

RENATO PEREIRA MUNHOZ

Orientadora: Profa. Dra. LILIAN APARECIDA FERREIRA

BAURU
2018

LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

**AS PERSPECTIVAS DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE
FORMAS DE DIVISÕES DE EQUIPES PARA JOGOS COMPETITIVOS**

RENATO PEREIRA MUNHOZ

Orientadora: Profa. Dra. LILIAN APARECIDA FERREIRA

Trabalho de Conclusão de Curso de
Licenciatura em Educação Física da
Faculdade de Ciências do Campus
de Bauru, Universidade Estadual
Paulista, como parte dos requisitos
para a obtenção do título de
licenciado em Educação Física.

BAURU
2018

RESUMO

Apesar do modelo esportivista ter ficado para trás na Educação Física Escolar, o esporte continua sendo trabalhado como conteúdo, quase exclusivo, nas aulas. Ao desenvolver tal conteúdo o professor deveria possibilitar a participação ativa de todos os alunos na aula, bem como, incentivar a compreensão do contexto e das questões culturais que envolvem os esportes. Para isso, o professor tem inúmeros desafios, um deles corresponde às formas de dividir as equipes nos jogos e atividades de aula. Sendo assim, esse estudo teve como objetivo analisar quais formas de divisão de equipes os professores de Educação Física têm utilizado. A metodologia compreendeu a abordagem qualitativa e as coletas foram realizadas através de entrevistas semiestruturadas. Os participantes do estudo foram oito professores de Educação Física que lecionavam em escolas públicas da cidade de Bauru e região. Os resultados foram apresentados de acordo com as seguintes categorias: 4.1 Formas de divisões de equipes e seus respectivos critérios; 4.2 Manifestações dos alunos diante da escolha de divisões de equipes; 4.3 Estratégias para aumentar a participação dos alunos nos jogos competitivos. Foi possível identificar que os professores utilizam diferentes formas de divisão de equipes, apesar de terem a formação superior numa mesma instituição de ensino. Destacar a importância do jogo e fazer o aluno se sentir importante foram os aspectos mais apontados pelos professores para uma divisão efetiva nos jogos competitivos. De acordo com os professores, cada turma possui sua particularidade e as manifestações são comuns, o ideal é saber identificar quais estratégias funcionam nestas diferenças e, com isso, promover o aumento na participação da aula.

Palavras-chave: Educação Física Escolar. Divisão de equipes. Jogos Competitivos.

ABSTRACT

Although the sportivist model has been left behind in Physical School Education, sport continues being treated as almost exclusive content in classrooms. In developing such content the teacher should enable the active participation of all students in the class as well as encourage the understanding of the context and the cultural issues that involve sports. For this, the teacher has numerous challenges, one of them corresponds to the ways of dividing the teams in games and class activities. Thus, the aim of this study was to analyze which forms of division of teams the Physical Education teachers have used. The methodology comprised the qualitative approach and the collections were realized through semi-structured interviews. The study participants were eight Physical Education teachers who taught in public schools in Bauru and its region. The results were presented according to the following categories: 4.1 Forms of team divisions and their respective criteria; 4.2 Manifestations of the students in the face of the choice of teams divisions; 4.3 Strategies to increase student participation in competitive games. It was possible to identify that the teachers use different forms of teams divisions, although they have the higher education at the same educational institution. Highlight the importance of the game and make the student feel important were the aspects most pointed by the teachers for an effective division in competitive games. According to the teachers, each class has its own particularity and the manifestations are common, the ideal is to know what strategies work in these differences and, with that, to promote the increase in participation of the class.

Keywords: Physical School Education. Division of teams. Competitive Games.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
CAPÍTULO 1: A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E OS JOGOS COMPETITIVOS	8
1.1 A Educação Física escolar	8
1.2 Jogos competitivos	9
CAPÍTULO 2: A DIVISÃO DE EQUIPES E A PARTICIPAÇÃO DOS ALUNOS NAS AULAS	12
2.1 A importância da questão de escolha de equipes	12
2.2 A participação do aluno e suas implicações	14
CAPÍTULO 3: METODOLOGIA	17
CAPÍTULO 4: APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS	20
4.1 Formas de divisões de equipes e seus respectivos critérios	20
4.2 Manifestações dos alunos diante da escolha de divisões de equipes	24
4.3 Estratégias para aumentar a participação dos alunos nos jogos competitivos	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS	34
APÊNDICE 1 QUESTÕES PARA ENTREVISTA COM OS PROFESSORES	37
APÊNDICE 2 TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	38

INTRODUÇÃO

Os conteúdos escolares ensinados atualmente na área da Educação Física passaram por uma série de transformações. Inicialmente, eram elaborados para atender necessidades estabelecidas pelos modelos sociais, como o médico e o militar. Posteriormente, assumiu uma perspectiva nacionalista, tendo o esporte como o principal recurso para cumprir este papel. Do final da década de 1980 para os dias atuais, na expectativa de estabelecer uma identidade própria para a Educação Física enquanto componente curricular na escola, os conteúdos passaram a envolver as questões sociais e culturais (DARIDO, 2001).

O conteúdo esportivo ainda hoje tem significativo relevo para a Educação Física escolar, tal conteúdo já obteve um caráter modelador para a área da Educação Física Escolar durante certo período. O início do modelo esportivista que visava o rendimento esportivo, competição ao extremo e vitória no esporte como forma de sucesso pessoal teve início na década de 1960 (MALDONADO, HYPOLITTO, LIMONGELLI, 2008).

A partir das ideias do modelo esportivista, as aulas Educação Física eram voltadas exclusivamente para o esporte, então os conteúdos ficavam restritos às técnicas e aos fundamentos de cada modalidade, conseqüentemente, os outros conteúdos como ginástica, jogo, dança e lutas, acabavam sendo excluídos do planejamento das aulas (SOARES, FAREL, ESCOBAR, 1993).

Como podemos perceber, os conteúdos desenvolvidos nas aulas de Educação Física estão vinculados ao contexto de sua produção. No caso do modelo esportivista, o fator determinante para sua implantação foi a expectativa de obtenção da ascensão do país por meio do esporte, fazendo com que a população valorizasse a política estabelecida na época e desviando a crítica social e manifestação popular em prol de mudanças. Isso se mostrou bastante evidente quando da conquista do bicampeonato mundial de futebol masculino em 1958 e 1962. De acordo com Betti (1991), o período entre 1969 e 1974 mostra a junção do esporte com a Educação Física como uma estratégia do Estado. O Brasil começa a ganhar destaque pelo alto nível nos esportes e o governo da época aproveita para investir na área, a fim de desviar o foco de situações políticas que o país se encontrava.

Entretanto, na década de 1980, houve muitas críticas sobre esse modelo e seus objetivos, uma vez que a Educação Física atravessava um período de acesso à leituras e obras, antes proibidas pela ditadura (como, por exemplo, as produções de Paulo Freire, Karl Marx, por exemplo) e de reconhecimento da ciência pelas produções acadêmicas (DARIDO, 2003). O rendimento esportivo dos alunos passou a ser criticado e começaram a surgir as novas abordagens de ensino para a Educação Física Escolar.

Com tais apontamentos, é possível compreender os inúmeros impactos que o ensino de um “certo” modelo de esporte trazia para a Educação Física Escolar. Todavia, embora o modelo esportivista não tenha prevalecido, o esporte continua sendo um dos conteúdos mais ensinados nas aulas. Apesar disso, há uma mudança importante neste novo cenário, suscitando uma preocupação que incluía todos os alunos e que supere a vivência exclusiva de questões técnicas e táticas das modalidades, envolvendo assim o contexto social e cultural na produção do conhecimento.

Para Correia (2006), quando o esporte influencia a Educação Física Escolar é facilmente incorporada à ideia da competição, uma das definições do esporte. Partindo desse ponto, o professor terá o desafio de lidar com as situações impostas pela competição durante as aulas práticas. Pela quantidade de alunos que as turmas são formadas, de acordo com o ano em que estão inseridas, provavelmente as atividades competitivas nas aulas serão realizadas com a divisão de grupo/equipes.

Com base em minhas experiências vivenciadas ao longo dos estágios escolares e, principalmente, durante a participação, por quatro anos, no projeto de extensão “Futebol Escola” realizada na UNESP/Bauru, percebi que as divisões de equipes para jogos e atividades refletiam diretamente nas ações dos alunos ao longo da dinâmica, causando diversas reações. Em várias situações ocorriam fatores como descontentamento e irritação dos alunos com relação aqueles que escolhiam as equipes, o modo como isso era feito, e a própria divisão das equipes, o que me levou à questão: Por que os alunos se incomodam tanto com o modo em que é feita esta divisão? É importante ressaltar que nem todas as turmas ocorreram esse incomodo o que nos faz questionar também: Qual estratégia o professor utilizou para evitar o incomodo do aluno?

Diante das questões apontadas, o objetivo desse estudo é analisar quais formas de divisão de equipes os professores de Educação Física têm utilizado para

essas determinadas atividades competitivas, bem como, as estratégias por eles empreendidas.

Com tal pesquisa, esperamos proporcionar aos professores de Educação Física a possibilidade de refletir e buscar alternativas mais justas e inclusivas nos momentos em que seja necessário dividir o grupo em equipes para as variadas atividades nas aulas de Educação Física.

No mais, espera-se que através deste estudo seja promovido um interesse maior dos pesquisadores da área para disseminar esse tema da Educação Física Escolar.

Em termos de apresentação do texto a seguir, o primeiro capítulo aborda o tema Educação Física Escolar e jogos competitivos. Será dado foco à Educação Física Escolar nos dias atuais e, posteriormente, situações que ocorrem em jogos e disputas de competição.

No capítulo dois, serão explorados os tipos de divisões de equipes que normalmente são realizadas e a importância do professor para encontrar a melhor estratégia de conduzir a formação de equipes. Na sequência, exploramos as manifestações dos alunos e como o professor, também como motivador do grupo, é importante durante este processo com vistas a evitar e minimizar a exclusão dos alunos da aula, em especial de alunos não habilidosos.

No capítulo três é apresentado a metodologia do estudo para uma interpretação da forma como a pesquisa foi realizada.

No capítulo quatro serão apresentados os dados coletados seguidos de uma análise. Os resultados estarão organizados de acordo com as seguintes categorias: 4.1 Formas de divisões de equipes e seus respectivos critérios; 4.2 Manifestações dos alunos diante da escolha de divisões de equipes; 4.3 Estratégias para aumentar a participação dos alunos nos jogos competitivos.

Por fim, as considerações finais abordaram as diferentes formas que os professores manifestaram utilizar para dividir as equipes e quais critérios utilizam para tal. Ficou evidenciada a necessidade do diálogo entre professor e aluno, para facilitar o esclarecimento das regras e o contexto do jogo competitivo. Com isso, o aluno deve reconhecer a importância da atividade e o seu papel fundamental para a dinâmica proposta naquela aula.

CAPÍTULO 1

A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E OS JOGOS COMPETITIVOS

1.1 A Educação Física Escolar

A Educação Física na contemporaneidade é compreendida como uma área que aborda a cultura corporal de movimento a fim de introduzir e integrar o aluno nesse meio, colaborando para a formação de um cidadão (DARIDO, 2004). Partindo da ideia de explorar a cultura corporal, o aluno será direcionado para ter contato com esportes, jogos, lutas, danças e ginásticas no sentido de melhorar a visão crítica da cidadania e desenvolver a qualidade de vida (BETTI, 1992).

Através do direcionamento dos alunos aos conteúdos da cultura corporal de movimento, entende-se que o jovem irá conhecer diversos temas e assuntos. Betti (2015) compreende a Educação Física como uma disciplina para propor ao aluno a criticidade.

Bracht (1999) entende a Educação Física como um campo acadêmico encarregado por transmitir a prática pedagógica na teoria, propondo posicionar em temas as manifestações da cultura corporal de movimento. Então a partir do momento que a Educação Física indica a cultura corporal de movimento como objeto, sugere que o aluno deve conhecer o movimento humano, saindo da simplicidade do “fazer corporal” e introduzindo ao saber específico da prática, logo o autor tem a seguinte perspectiva: “[...] o movimentar-se é entendido como forma de comunicação com o mundo que é constituinte e construtora de cultura, mas também possibilitada por ela” (p.45).

Para Silveira e Pinto (2001) a Educação Física no âmbito escolar é a única prática que trata, dentro de uma dimensão cultural, a cultura do movimento humano, destacada nos esportes, nos jogos, nas danças, nas lutas e nas ginásticas. Os autores relatam que atender à educação global do aluno é um dos objetivos da escola e esquecer a cultura presente no cotidiano seria algo imperdoável, o ideal deveria ser o entendimento da prática como um todo e não resumir no “fazer sem entender”. Assim:

Temos que dar nossa contribuição para que nosso aluno possa conhecer, escolher, vivenciar, transformar, planejar e ser capaz de

julgar os valores associados à prática da atividade física, mais do que apenas praticar sem entender essa prática, simplesmente aderindo (ou não) à moda da atividade física. (SILVEIRA; PINTO, p.139)

Percebemos a importância do contato do aluno com os diferentes conteúdos que a Educação Física atual apresenta. Entretanto, Medeiros *et al.* (2018) relatam que o esporte acaba prevalecendo sobre os outros conteúdos quando o assunto é aplicabilidade nas aulas de Educação Física, o que atrapalha no desenvolvimento das demais culturas corporais.

Quando o esporte acaba sobressaindo diante de outros conteúdos, é incontestável o planejamento errôneo do professor perante as aulas. Ainda mais, em momento que o esporte também é desenvolvido de maneira equívoca. Segundo Kunz (1994) o equívoco acontece quando tal esporte está reproduzindo, no currículo da Educação Física Escolar, a ideia da competição, do treino e do rendimento, sem as reflexões e questionamentos, tornando-se algo intocável, separando os vencedores dos perdedores, consequentemente, apresentando vivências de sucesso e de insucesso.

As questões de vencer e perder são algo presente em atividades e jogos competitivos, o que pode trazer diferentes experiências para os alunos. No próximo subtítulo, poderemos aprofundar nas vivências que os jogos competitivos proporcionam e como refletem nos alunos.

1.2 Jogos competitivos

Ainda que a Educação Física Escolar necessite de uma série de mudanças para chegar a sua composição atual, a competição esteve presente em grande parte do desenvolvimento temporal da disciplina e continua sendo aplicada regularmente, compondo a essência dos esportes e dos jogos competitivos.

Rose Junior (2002) define competir como enfrentar desafios e demandas, levando em consideração características individuais e situacionais. O autor também mostra que a competição irá expor os melhores e os piores, o que acabará resultando em vencedores e derrotados.

Brotto (2002) classifica a competição como um processo que revela objetivos igualmente exclusivos onde apenas algumas pessoas são beneficiadas, assim, para

aqueles que participam de uma competição é provável que nem sempre acabam se divertindo. Brotto (2002) indica que a diversão normalmente está restringida ao final do jogo, a partir do momento que alguém celebra a vitória. É comum escutarmos, quando o assunto é competição, aquela expressão “Mau perdedor”, que está ligada ao fato da frustração pela derrota ou propriamente de não conseguir superar um desafio imposto pela competição, são fatos como esse que levam Brotto (2002) a apontar a competição como um elemento motivador/desafiador, fugindo da ideia de alegria ou diversão.

Evitar que a competição se resulte em desmotivação de algum aluno envolvido é uma tarefa complicada, uma vez que essa competição é aplicada na escola, ou seja, entende-se o dever com a educabilidade sendo algo consciente de suas características e funções (REVERDITO *et. al.*, 2008). Assim, Scaglia e Souza (2004) observam que para a competição cumprir a pedagogia escolar devem ser respondidos: o objetivo por trás da atividade, para quem, o quê se trata, quando realizar e como essa atividade competitiva deve ser apresentada.

É comum na escola ocorrer eventos esportivos, geralmente um evento muito utilizado pela direção juntamente com o professor de Educação Física são os jogos interclasses, que seriam competições esportivas entre as turmas dentro da escola. Cada escola possui sua particularidade no modo de aplicar esses jogos, seja no período em que irá ocorrer ou qual modalidade será disputada. Ao buscarmos a necessidade da educabilidade no âmbito escolar, surgem indagações sobre a competição nos jogos interclasses. Na maioria das vezes, esses eventos se resumem em um número restrito de modalidades, quando não correspondem apenas ao futsal, e a quantidade de jogos para meninos acaba superando jogos femininos, o que resulta na exclusão das meninas desses eventos competitivos em vários momentos. Além dos fatores apresentados, no final das contas, os jogos acabam se resumindo em reprodução esportiva sem outro propósito.

Assim como é presenciado nos jogos interclasses, o maior desafio da competição escolar é fugir da reprodução do esporte. Paes (2001) caracteriza a reprodução esportiva escolar como um modelo marcado pela repetição fechada de fundamentos, sem o comprometimento com os respectivos objetivos do cenário em que ocorre.

Contudo, Correia (2004) mostra que pode ser feita uma resignificação na vivência da competição ou possivelmente uma mudança do modelo de competição

tradicional para outros inovadores, onde é possível incorporar os valores éticos sem ficar preso na reprodução esportiva.

Vários autores defendem a competição escolar. Freire (1999), por exemplo, acredita que excluir a competição das atividades seria o mesmo que retirar o esporte da Educação Física, pois o reconhecimento da importância do vencedor seria mais educativo que nunca competir.

Scaglia, Medeiros e Sadi (2006) mostram que a competição não é resumida entre o momento do apito inicial e o final da partida. Deste modo, a responsabilidade dos alunos para a preparação do evento, passa por várias manifestações de relações sociais e culturais, o que promove a motivação e a participação ativa de todos durante o desenvolvimento.

Para Lovisolo (2001) o fato de haver uma atividade esportiva na escola proporciona algum grau de competição, portanto ignorar a competição seria pecar com a aplicabilidade do esporte, conseqüentemente, negar o esporte aos alunos e a escola impediria o contato com uma cultura, uma vez que o autor afirma que o esporte é representante e também componente da nossa cultura.

Avaliando os dois lados da competição, em aspectos positivos e negativos, nota-se a necessidade de saber trabalhar os jogos competitivos na escola sem limitar-se na pura reprodução do esporte. No próximo capítulo, será observado como a divisão de equipes influencia nos esportes e jogos competitivos. Também será apresentado como a escolha das equipes reflete na participação e motivação do aluno durante o jogo.

CAPÍTULO 2

A DIVISÃO DE EQUIPES E A PARTICIPAÇÃO DOS ALUNOS NAS AULAS

2.1 A importância da questão de escolha de equipes

Quando se trata de competição esportiva, podemos analisá-la de duas formas, uma competição individual ou em equipes. A competição individual seria aquela em que o jogador depende exclusivamente da própria habilidade para vencer o jogo, como acontece, por exemplo, no tênis, no judô e no salto com vara, dentre outros esportes. A competição em equipes acontece quando os jogadores necessitam da colaboração dos companheiros de time para vencer a disputa, fato que acontece em esportes coletivos como futebol, vôlei, basquete, etc.

Para aplicar atividades competitivas na escola, o professor de Educação Física tem a responsabilidade de criar métodos para melhorar o desenvolvimento do aluno diante das circunstâncias impostas pela competição. Utilizando o processo de ensino-aprendizagem como base para atividades escolares, o professor buscaria a participação de todos os alunos. Para Soares e Montagner (2009) os professores devem aceitar a competição como um desafio, proporcionando um debate entre eles para recriar uma forma compatível com a realidade escolar atual.

Conciliando a competição com o processo de ensino-aprendizagem, provavelmente os jogos e dinâmicas serão realizados em grupos, uma vez que o número de alunos por turmas escolares é grande, deste modo, optar pela competição individual nas aulas não seria a opção mais viável. Vale ressaltar também que é possível trabalhar a competição individual na escola, porém, pensando no ambiente escolar, exigiria uma demanda maior de espaço e material, algo que não é realidade das escolas públicas do país. Como podemos ver no resultado de um estudo, com professores do Estado de São Paulo, realizado por Darido *et al.* (1999), no qual foi observado que de trinta professores, dez apontaram a falta de infra estrutura como dificuldade nas aulas de Educação Física para o ensino médio.

Partindo do pressuposto que, na maioria das vezes, a competição escolar é realizada em equipes, a primeira decisão para dar início à atividade seria dividir os grupos, então surge o foco central desse estudo e que nos levará a seguinte

questão: Qual o critério e justificativa escolhida pelos professores de Educação Física para realizar as divisões de equipes?

Através das minhas experiências escolares, percebi que existem algumas formas de divisão de equipes que os professores geralmente utilizam, quais sejam:

- Divisão por gênero: o professor divide as equipes entre meninas e meninos, levando a questão do gênero como critério;
- Divisão por número de chamada: o professor divide as equipes através do número de chamada, como por exemplo, números pares e números ímpares;
- Divisão por habilidade: essa requer um contato mais longo do professor com o aluno, pois o professor irá dividir as equipes tentando equilibrar as habilidades dos jogadores para evitar que uma equipe supere a outra significativamente em questões de rendimento;
- Divisão perceptiva aleatória: o professor separa as equipes aleatoriamente de acordo como estão posicionadas na quadra, independente de gênero ou habilidade.
- Divisão feita por capitães/líderes: o professor interfere na divisão apenas para escolher dois ou mais capitães responsáveis pelas suas equipes, ou seja, cada equipe terá um representante e o mesmo deverá escolher os integrantes da sua equipe.

Apresentadas as formas de divisão de equipes, observa-se que os critérios são variados. Logo, as respostas dos alunos durante os jogos competitivos deverão ser diferentes.

Como foi citado no capítulo anterior, a competição foi apontada como elemento motivador/desafiador (BROTTO, 2002). Sendo assim, uma escolha de divisão de equipes mal feita pelo professor, poderá refletir na motivação dos alunos. Moraes e Varela (2007) indicam que a desmotivação está ligada negativamente com o processo de ensino-aprendizagem, o que ocorre pelo mau planejamento e desenvolvimento feito pelo professor. Nesse caso, dividir as equipes de maneira errada é considerado um planejamento negativo. Moraes e Varela (2007) também mostram que o professor tem a obrigação de fundamentar o planejamento de acordo

com as necessidades de seus alunos, levando em consideração aspectos emocionais junto com a ansiedade que preenchem o aluno no cotidiano.

2.2 A Participação do aluno nas aulas e suas implicações

Segundo Rose Jr., Deschamps e Korsakas (2001) qualquer contexto competitivo envolve aspectos psicológicos, dentre eles o stress é uma das causas fundamentais no desempenho final. Além do stress, percebe-se a influência da ansiedade, da agressividade, da motivação, da concentração, da atenção e da harmonia do grupo. Para os autores, até mesmo os atletas de alto rendimento com grande experiência, que possuem melhores condições para lidar com o stress, sofrem com a pressão das competições, principalmente por causa da consequência do fracasso.

A competição na escola também dispõe os aspectos psicológicos apontados anteriormente, obviamente em suas devidas proporções. O que difere as situações, é que nas competições esportivas de alto rendimento, todos os participantes são familiarizados com a modalidade em que estão inseridos, já na competição escolar, nem todos os alunos deveram possuir afinidade com a modalidade proposta pelo professor. O que acaba resultando em alguns episódios como resistência a pratica, desmotivação e desinteresse, situações essas que podem estar ligadas diretamente.

Raramente, em uma turma de alunos, aconteça a simpatia de todos por uma modalidade, principalmente pelo excesso de alunos em cada série/ano. Para Darido *et al.* (1999) o aumento do número de alunos nas aulas promove interesses mais diversificados, o que atrapalha a condução de um ensino de maior qualidade. Através de um questionário com professores, Darido *et al.* (1999) observou que dos 30 professores, 25 revelaram que o desinteresse dos alunos está aliado à falta de habilidade dos mesmos. Analisando o resultado do estudo e conciliando a falta de habilidade com o desinteresse e desmotivação, surge uma preocupação em como despertar o interesse desses alunos não habilitados.

Em um outro estudo com alunos da 5ª. Série, 7ª. Série e 1º Ano do Ensino Médio Darido (2004) questionou os alunos se o professor de Educação Física tratava melhor aqueles que apresentavam mais habilidade. Apesar de a maioria responder que o tratamento era igual para todos, houve uma porcentagem de alunos

que confirmou um tratamento especial aos habilitados, sendo 5ª. Série (12,5%), 7ª. Série (18%) e 1º Ano do EM (10,1%).

Ainda sobre a disparidade de alunos habilitados e não-habilitados, Brandolin, Koslinski e Soares (2015) efetuaram um estudo, com alunos do Ensino Médio, sobre a percepção dos jovens em relação as aulas de Educação Física. No meio de outros resultados, foi possível constatar que alunos com habilidade alta possuem sete vezes (646%) mais chances de estarem satisfeitos com as aulas de Educação Física do que os alunos com habilidade baixa. Para isso:

A história corporal pregressa de incorporação de habilidades e técnicas parecer incidir sobre a satisfação com as aulas. Esse dado indica que o espaço da aula é ainda destinado aos que possuem habilidades corporais e esportivas pregressas. (BRANDOLIN; KOSLINSKI; SOARES, p. 605)

Como foi possível observar a falta de habilidade pode gerar desinteresse, baixa satisfação e exclusão do aluno. O professor qualificado e preparado atinge o objetivo de gerar maior participação dos alunos, no entanto, a exclusão nem sempre está diretamente ligada às atitudes dos professores. Por conta do stress e de outros aspectos psicológicos que envolvem a competição, em determinados momentos, ocorre exclusão por parte dos alunos.

Para Guimarães *et al.* (2001) as aulas de Educação Física são voltadas às práticas esportivas na maioria das vezes, focando principalmente a parte técnica, o que dificulta a formação integral da criança, ocasionando a desconsideração de fatores como cooperação, respeito mútuo e afetividade. Ainda sobre esse estudo de Guimarães, foram observadas que durante as aulas de Educação Física era comum as discordâncias entre os alunos e que os meninos criticavam os erros das meninas durante os jogos, tornando motivo de gozação. Outro fato perceptível no estudo foi à ausência do professor nesses acontecimentos, perdendo a chance de tornar o fato educacional, assim, as advertências do professor eram superficiais e momentâneas.

Segundo Bracht (1992) essa postura evasiva do professor gera uma neutralidade, o que empobrece o aprendizado no cotidiano dos alunos, tanto nas questões motoras quanto nos enfrentamentos das situações de conflito. Sendo assim, decorre em consequências negativas quando se pensa em formação de valores humanos.

De acordo com Martins Júnior (2000), o professor de Educação Física não deveria incentivar apenas o rendimento do aluno. Para tornar um motivador, o professor deve orientar, além do rendimento, o melhor nível de vida por meio dos jogos e, assim, contribuir para a formação cultural e educacional do aluno.

Evidentemente, a competição promove diferentes aspectos psicológicos para os alunos, o que provavelmente irá gerar conflitos durante os jogos competitivos. O mais importante é como o professor irá lidar com essas divergências no dia a dia para servir como um papel motivador aos alunos, evitando a não participação das aulas e promovendo o interesse do aluno. Desse modo, pensando no cotidiano, o aluno consiga quebrar a resistência com relação a prática de determinada modalidade.

CAPÍTULO 3

METODOLOGIA

Esse estudo teve como base a abordagem qualitativa que, segundo Ludke e André (1986), possui algumas características básicas como a coleta de dados necessariamente descritivas e o cuidado com o processo ser evidenciado que o produto.

De acordo com Mattos (2015), a entrevista semiestruturada ajuda a resgatar problemas e fenômenos que podem escapar quando são colocados em estatísticas e número. Sendo assim, as perguntas foram estruturadas buscando respostas abertas que conseguissem apresentar de forma geral os pensamentos dos professores de Educação Física. Logo:

Há certo consenso – e aqui se parte desse pressuposto – de que elas servem a pesquisas voltadas para o desenvolvimento de conceitos, o esclarecimento de situações, atitudes e comportamentos ou o enriquecimento do significado humano deles. Isso tem extensões poderosas na geração de teorias e decisões práticas, e não se confunde com outro tipo de utilidade, a generalização indutiva, propiciada pela estatística (MATTOS, p. 825).

As perguntas correspondentes à entrevista desse estudo (Apêndice 1) tiveram como objetivo possibilitar aos professores de Educação Física a exposição das formas e critérios utilizados nas divisões de equipes para os jogos competitivos realizados em aula. Busca-se também analisar se ocorre algum tipo de manifestação dos alunos diante da forma como o professor faz a divisão.

Os participantes do estudo foram oito professores de Educação Física que lecionavam em escolas públicas da cidade de Bauru e região. Todos os professores participantes (Quadro 1) assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice 2). Nesse estudo, o nome dos professores não será divulgado, para isso, foram criados nomes fictícios, respectivamente, a fim de facilitar a identificação dos participantes na pesquisa.

QUADRO 1: PERFIL DOS PROFESSORES

	Formação Acadêmica	Ano em que se formou	Tempo em que atua como professor	Turmas que lecionam em 2018
João	Unesp Bauru	2015	3 anos	Educação infantil (maternal 1, materna 2, etapa 1 e etapa 2) e fundamental 1 (1º e 2º anos).
Gabriela	Unesp Bauru	2003	14 anos	Fundamental 2º (7º, 8º e 9º anos) e Ensino médio (3º ano).
Carlos	Unesp Presidente Prudente	2003	13 anos	Fundamental 1 (1º, 2º, 3º e 4º anos) e fundamental 2 (5º, 6º, 7º, 8º e 9º anos).
Fernanda	Unesp Bauru	2012	4 anos	Fundamental 2 (7º e 9º anos) e Ensino médio (1º ano).
Amanda	Unesp Bauru	2011	7 anos	Ensino infantil, Fundamental 1 e Fundamental 2, todas as turmas desses ciclos.
Julia	Unesp Bauru	2003	14 anos	Fundamental 1 (2º ano) e Fundamental 2 (6º, 7º, 8º e 9º anos).
Beatriz	Unesp Bauru	2003	14 anos	Ensino médio (1º e 2º anos).
Ana	Unesp Bauru	2002	15 anos	Fundamental 2 (6º, 7º, 8º e 9º anos).

Fonte: elaborado pelo autor.

Os professores foram selecionados com base no acesso que o pesquisador tinha para com eles, envolvendo um processo direcionado e não aleatório. Com a autorização dos professores, as questões foram enviadas por mensagem, através do aplicativo *whatsapp*, e respondidas em forma de áudios, com intuito de permitir o tempo necessário para que o entrevistado conseguisse expor todas as suas ideias relacionadas sobre o tema proposto.

No capítulo seguinte serão apresentados os resultados e as análises da coleta de dados. Serão expostos aspectos positivos e negativos das perspectivas dos professores com relação às divisões de equipes escolhidas.

CAPÍTULO 4

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Através das entrevistas foi possível realizar a análise dos dados. Para melhor compreensão das análises, os temas e suas devidas respostas dos professores foram lidas, relacionadas e organizadas em 3 categorias, sendo elas: 4.1 Formas de divisões de equipes e seus respectivos critérios; 4.2 Manifestações dos alunos diante da escolha de divisões de equipes; 4.3 Estratégias para aumentar a participação dos alunos nos jogos competitivos.

Apresentaremos as respostas dos professores para mostrar as diferentes estratégias apontadas e, conseqüentemente, como os alunos reagem a essas escolhas. Assim, será possível compreender melhor quais caminhos devem ser tomados e evitados para uma melhor participação dos alunos nos jogos competitivos.

4.1 Formas de divisões de equipes e seus respectivos critérios

Primeiramente, foi questionado aos professores como eles optam por dividir as equipes nos jogos competitivos e o motivo dessa escolha. Na sequência, serão apresentadas as respostas diante dessa questão.

João respondeu que depende da turma, pois cada uma delas aceita de uma forma:

Quando a turma é tranquila e todos são amigos, qualquer divisão funciona, mas tem algumas turmas que o relacionamento deles não é tão bom e não possuem tanta afinidade, se eu coloco eles no mesmo time vai dar briga, ou se eu colocar dois amigos em times separados também dá briga, esses amigos no mesmo time também ficam conversando e não dá jogo.

O professor João relatou deixar claro para os alunos “que a gente não escolhe pessoas, caiu no meu time eu vou jogar com ele”. Quanto à forma de divisão:

Às vezes eu faço um círculo, dou um número para cada na sequência, por exemplo, se são 3 equipes, vou numerando na sequência, “1,2,3...1,2,3”. Ai depois eu chamo: número 1 aqui,

número 2 aqui e 3 aqui. Se ocorre uma confusão, procuro explicar que foi um sorteio. Não acho legal aquela divisão em que os alunos escolhem os companheiros, porque o último sempre fica frustrado. Também faço uma fila rapidinho, vou colocando um pra cada lado e assim formam as equipes. (João)

De acordo com João “o que conta mesmo é a maneira que você explica como fez a divisão e que os alunos tem que aceitar a possibilidade de jogar com uma pessoa que eles não têm muita afinidade”.

Gabriela procura dividir as equipes de formas mistas, utilizando diferentes estratégias de acordo com o jogo:

[...] então como a gente aplica o jogo é o diferencial, depende muito do objetivo que eu quero no dia. Não divido por habilidade, já fiz sorteio, já fiz por cores de camisetas, número de coletes, por exemplo, números pares e números ímpares, tudo dependem do objetivo da aula.

Carlos procura mesclar a escolha de alunos durante a parte prática de jogos competitivos, com isso:

Muitas vezes acabo por eu mesmo escolher dois alunos. Na maioria das vezes, sempre um menino e uma menina, buscando que eles mesquem para que a turma não fique dividida por gênero, mas nem sempre acontece como a gente quer, então a gente interfere nessa escolha.

Com relação aos últimos escolhidos para aquela atividade, Carlos relata:

Sempre busco não manter os mesmos escolhidos, procuro que sempre os dois últimos escolhidos, na próxima atividade sejam aqueles responsáveis pela escolha, para que eles se sintam importante naquele momento e deixem de se sentir menos habilidosos.

Fernanda prefere dividir os alunos por conta própria, usando como critério “a tentativa de equilibrar os times, como já conheço os alunos, divido por habilidade”.

No caso da professora Amanda, as aulas de Educação Física são realizadas por duas turmas do mesmo ano, 3ºA e 3ºB, por exemplo, dois professores ficam

responsáveis pela aula. A professora Amanda ministra a aula das meninas e o outro professor dos meninos. Nesse caso não ocorre à divisão de equipes por gênero, então Amanda divide as equipes de acordo com a atividade proposta no dia: “se for uma atividade mais recreativa sem um contexto formal, eu deixo que elas se dividam, pergunto quem quer dividir as equipes e quem se prontifica pode fazer as escolhas das equipes”.

Na escola em que Amanda trabalha ocorre um evento chamado de olimpíadas, semelhante ao interclasses: “Quando vai chegando os jogos, elas são divididas de acordo com as equipes que disputam essas olimpíadas, para elas criarem uma afinidade”. E quando as alunas são apresentadas a modalidades novas, a professora busca dividir as equipes de acordo com o conhecimento e a habilidade das alunas, em alguns casos, é feita a divisão de quatro equipes, onde as duas equipes consideradas mais fortes jogam entre si e as equipes com alunas de menor habilidade realizam outro jogo, a justificativa da professora seria evitar que as mais habilidosas se sobressaíssem diante das menos habilidosas.

Julia gosta de variar a forma de divisão de equipes em jogos competitivos. Portanto, Julia descreve que:

Às vezes eu divido números pares contra números ímpares, às vezes falo para formarem duplas, aí tiram par ou ímpar, quem ganha fica de um lado e quem perde fica de outro, ou formarem duplas, e eu vou colocando uma dupla pra cá e outra pra lá, ou simplesmente peço para eles ficarem em uma linha e vou colocando um pra cá e outro pra lá. Uso esses critérios porque eu quero que todo mundo jogue com todo mundo, que todo mundo se de bem. (Julia)

Beatriz varia o jeito de escolher as equipes, deixando que os alunos escolham em certos momentos ou escolhendo de seu modo. Para algumas atividades, a professora impõe a regra de que menino escolhe menina e vice-versa. Beatriz também relatou que não utiliza a estratégia de divisão por números pares e números ímpares.

Ana procura dividir as equipes de uma forma que elas fiquem equilibradas e que o jogo torne-se interessante: “Para não escolher os mais fortes primeiro, eu tento selecionar por ano de nascimento, pela inicial do nome, sempre tentando não constranger ninguém”.

Podemos observar que os professores utilizam diversas estratégias para realizar a divisão de equipes em jogos competitivos, entretanto, percebe-se uma semelhança entre os professores, na grande maioria, no quesito de sempre variar a forma de escolher as equipes. Como foi citada mais de uma vez, a forma de dividir as equipes depende da turma e do objetivo da atividade proposta.

Outro aspecto em comum entre os professores, foi não utilizar a divisão de equipes por gênero. Excetuando uma professora que acaba trabalhando apenas com as meninas nas aulas de Educação Física por questões de determinação da escola.

Altmann e Sousa (1999) analisaram as manifestações de meninos e meninas dentro da cultura escolar, com as possibilidades de intervenção do professor diante dessa relação de gêneros. A partir das análises, os autores mostraram que as meninas não são excluídas de jogos unicamente por questão de gênero, mas pelo fato dos colegas considerarem mais fracas e menos habilidosas. O estudo também mostrou que meninos considerados fracos ou maus jogadores sofrem com a exclusão assim como as meninas e, em alguns momentos, recebem menos a bola do que algumas meninas.

É notório que a habilidade dos jogadores interfere diretamente no andamento dos jogos competitivos. Como foi citado anteriormente, o estudo de Darido *et al.* (1999) permite a compreensão das dificuldades encontradas pelos professores de Educação Física, pois a maioria dos professores revelam que a falta de interesse do aluno unida a falta de habilidade são as maiores dificuldades encontradas.

Em busca de proporcionar uma atividade prazerosa e participativa para os alunos, observa-se que alguns professores utilizam a divisão por habilidade, a fim de equilibrar as equipes e evitar um possível descontentamento dos alunos. Entretanto, essa forma de divisão não foi unanimidade entre os professores, já que alguns preferem utilizar formas que acabam dividindo os alunos aleatoriamente.

De acordo com os professores, escolher aleatoriamente seria possibilitar a chance de aumentar a afinidade entre os alunos, pelo fato de que provavelmente alunos que não possuem tanta afinidade caíssem na mesma equipe. Explicar ao aluno que as escolhas foram aleatórias e propor que eles se dediquem ao máximo, independente de quem está na equipe, são pontos importantes levantados pelos professores.

Analisando as respostas dos professores e observando as formas de divisão escolhidas, ocorre uma discrepância novamente quanto ao início da atividade, pois gera a dúvida de quem deve assumir a autonomia de escolher as equipes, ou seja, os professores escolhem as equipes de acordo com seus critérios ou os alunos que recebem a incumbência de escolher sua equipe?

Partindo dessa questão, percebemos que existem duas situações apontadas acima. Alguns professores não permitem que os alunos escolham as equipes, levando em consideração a tentativa de equilibrar as equipes por habilidade e evitar que alunos escolham por afinidade. Do outro lado, os professores que permitem que os alunos recebam a tarefa de escolher seus colegas, geralmente não permitem a livre escolha. Por exemplo, os professores gostam de mesclar as equipes com relação a gênero, então acabam impondo a regra de que menino escolhe menina e menina escolhe menino.

Sintetizando as respostas e os critérios apontados pelos professores, vemos uma linha de pensamento diferente entre eles. As divergências de opiniões não acabam sendo algo insatisfatório necessariamente, uma vez que o professor tem suas convicções e procura controlar a atividade baseado em suas concepções pedagógicas.

4.2 Manifestações dos alunos diante da escolha de divisões de equipes

Depois de questionado a forma e os critérios de divisão de equipes, os professores ficaram encarregados de apontar se ocorrem manifestações dos alunos diante da escolha de equipe.

João disse que ocorrem manifestações e citou o exemplo do jogo “estafeta”, “assim que fizer a divisão, na fila eles já vão saber com quem vão disputar e muitos vão querer sair, não vão querer participar”. Quando o aluno não quer participar das atividades o professor explica a ele que devem enfrentar o desafio imposto pela atividade, que o respeito com o colega vale muito.

Ao ser questionado se existem manifestações dos alunos, Gabriela relatou:

Com certeza. Nesse ano eu dividi uma vez por números pares e números ímpares da chamada, aí aquele time que fica razoavelmente mais fraco sempre tem um aluno mais competitivo, aí

esse aluno me disse para não dividir mais assim, porque teoricamente ele iria perder e perdeu na realidade.

Gabriela também apontou que “o diferencial é como você vai aplicar, para proporcionar a todos as mesmas condições”.

Carlos disse que, dividir as equipes sempre provoca manifestações dos alunos.

Sempre eles querem cair na equipe daquele considerado o melhor, eu busco fazer com que eles entendam que o jogo coletivo é mais importante que apenas um que jogue bem, aquele que joga bem vai fazer uma diferença até certo ponto.

Fernanda respondeu que ocorre a manifestação porque os alunos estão acostumados a escolherem os próprios times, mas de acordo com a professora, “aos poucos eles estão se acostumando com minha metodologia e as reclamações estão diminuindo”.

Amanda disse que ocorre manifestação sim e justifica:

[...] vai depender do jeito que foi escolhido à equipe naquele momento, se fui eu que dividi a equipe, geralmente eu separo as “panelinhas”, então quando você separa gera uma manifestação negativa delas, mas é basicamente no primeiro momento. O que eu mais percebo, [...] a manifestação é na hora da divisão mesmo, quando chega na hora do jogo, eu vejo que elas superam um pouco isso e participam, não consigo lembrar algum momento em que a manifestação inicial tenha afetado a atividade em si.

Julia expõe que sempre formam tumultos ou alguém se manifesta com relação à divisão de equipes. Julia disse:

[...] eles reclamam que queriam ficar no time do amigo ou que acham que o outro time tá forte, na maioria das vezes sempre tem alguém que se manifesta. Mas eu vou justificando que vamos jogar para ver o que acontece, se precisar vou remanejando, vou trocando um aluno ou outro.

Beatriz revela que, às vezes, tem manifestação, mas são poucas, e completa:

Normalmente é aquela manifestação de querer ficar no time da amiga ou do amigo, mas com um pouco de conversa acaba, é uma reclamação inicial. Eu tento colocar as painelas juntas, não separar tanto, se tem 4, eu separo 2 pra ninguém ficar sozinho em uma equipe de pessoas que eles não tem tanta afinidade, mas normalmente não dá problema.

Ana aponta que independente de como a divisão de equipes é feita, sempre causa uma polêmica, “sempre tem um menino ou menina que reclama que a equipe dele ficou mais fraca”. Quando isso ocorre, Ana revela que mantém a escolha e que durante a partida mostra que as equipes estão equilibradas.

Através das respostas dos professores podemos depreender que, independente da metodologia do professor para dividir as equipes, sempre vai haver algum tipo de manifestação do aluno, seja uma manifestação individual ou coletiva.

Dentre as manifestações, não jogar no mesmo time do amigo e em um time com jogadores mais habilidosos são as principais causas das manifestações dos alunos, de acordo com os professores entrevistados. Também foi citada a manifestação dos alunos por não serem responsáveis pelas escolhas das equipes.

Rosário e Darido (2005) mostraram que em um grupo de 6 professores, apenas 1 destacou a categoria atitudinal como mais importante dentre as categorias procedimental e conceitual, o que não chega a ser surpreendente pelo fato de ser comum associar a Educação Física restritamente a prática. Entretanto, o estudo mostra que os professores se atentam a trabalhar atitudes e valores nas aulas, mas geralmente isso ocorre durante discussões e brigas.

Associando as falas realizadas pelos professores sobre dividir as equipes com as atitudes dos alunos a respeito, é incontestável a necessidade de uma conversa prévia antes da atividade para evitar discussões e tumultos. Assim como alguns professores presentes na amostra, é preciso dialogar e explicar aos alunos a metodologia escolhida e como irá funcionar a divisão das equipes. Admite-se que seria improvável não acontecer nenhum tipo de manifestação, contudo ao deixar o aluno ciente da forma com que serão escolhidas as equipes, as reclamações tendem a diminuir.

4.3 Estratégias para aumentar a participação dos alunos nos jogos competitivos

Por fim, foram perguntadas aos professores quais as estratégias que eles utilizam diariamente para aumentar a participação dos alunos nos jogos competitivos.

João relata que as frustrações fazem parte da competição e que os alunos devem saber lidar com essa situação.

Então quando a gente fala de uma turma com 30 alunos, coloca duas equipes 15 pra cada lado e começa aquele tiração de sarro, se a gente não parar a atividade, perde o controle da situação, então tudo tem que ser conversado antes, se for conversado antes e deixar as regras claras, eles vão entender o jogo e mesmo que não participem no início, eles vão perceber que aquele jogo é importante pra eles e vão acabar participando.

João também destaca que “é importante que eles participem até das atividades que eles não gostam, porque quando for atividade que eles gostam, devem contar com a colaboração dos outros também”.

Para Gabriela “a competição é inata do aluno, ele assiste muito esporte e quer ganhar o tempo inteiro, acho que é fácil você estimular ele para participar no intuito de ganhar”. Dando sequência ao raciocínio, Gabriela acredita que “hoje o que é complicado é motivá-los a fazer qualquer tipo de exercício, 7º ano e 8º ano, eles têm muita ligação com a tecnologia né”.

Para Carlos

Creio que para aumentar essa participação nos jogos competitivos seria diminuir esse número de participantes, seria reduzir o jogo na verdade, como eu penso através de várias atualizações e leituras acerca da pedagogia do esporte ou até do esporte educacional. Adaptações, tanto no material quanto no espaço, quanto na quantidade, quanto nas regras, para que a participação seja maior e efetiva.

De acordo com Carlos, se o aluno se sentir capaz e importante dentro do jogo, provavelmente sua participação será maior e conseqüentemente

[...] com o tempo você vai ter que aproximar do jogo real, até chegar ao jogo verdadeiro, quadra toda, tabela oficial, bola seria interessante, e o aluno se sentindo capaz, tendo êxito durante os jogos que precederam essa prática, dará para ele uma vontade maior de participação.

Fernanda relata que em jogos competitivos a participação é bem grande quando são abordados os esportes.

Jogos competitivos no geral é preciso obrigá-los um pouquinho, então eu acabo fazendo uma pressão em relação a nota, eu faço um combinado com eles no começo do ano que mais de 50% da sala tem que estar fazendo aula prática, porque senão eu volto para a sala e eles odeiam ficar na sala.

Fernanda também expõe situações que aconteciam antes nas aulas de Educação Física e que refletem em suas aulas atualmente

[...] a gente sabe que a realidade da educação física escolar não é como deveria ser, em questão de trabalhar o currículo, é o famoso “rola a bola” e é difícil fazer com que os alunos mudem esse vício que foi criado neles desde pequenos. No começo a gente tem que se impor um pouco como estratégia de participação e depois vai criando uma certa intimidade e vai conhecendo os alunos, assim eles vão entendendo e gostando da metodologia.

Amanda costuma, como estratégia, deixar as alunas dividirem as equipes com a condição de todas participarem e relata que geralmente funciona, entretanto

Quando nem assim funciona, é questão de você intervir e fazer a divisão pelo que você acha das habilidades das alunas, como foi uma estratégia que eu disse de dividir duas equipes “mais fracas”, porque aí elas se vêm obrigadas a participarem daquele jogo, porque elas sabem que não tem alguém que vá fazer por elas.

Ainda sobre as questões de habilidade, Amanda destaca

[...] quando tem alunas que são mais desinibidas e tem mais afinidade com a prática de atividade física, elas costumam tomar a frente das coisas e fazer tudo sozinhas e aí quem tem menos afinidade acaba meio excluído, ou até se exclui, então você deixando

só elas em uma equipe junto, acho que faz com que ela não tenha opção, ou ela joga ou todo mundo vai ficar parado.

Segundo Amanda, “também aumenta bastante a participação deles quando você muda as regras do jogo, para ficar de acordo com aquela turma”.

Julia revela que as estratégias funcionam de acordo com a turma

Acho que mudar sempre as divisões das equipes, às vezes deixar um ou outro escolher são maneiras de estar aumentando a participação, mas o trabalho que a gente desenvolve já vai fazendo com que eles participem, a gente tem combinado desde o início do ano e vai fazendo atividades atrativas, sempre tentando inovar e mudar algumas metodologias.

Beatriz relata que é um desafio aumentar a participação do ensino médio nos jogos de competição

Tem aqueles alunos que não vão fazer mesmo, obrigatório ou não obrigatório, eu sou de uma linha mais antiga, então ou faz ou não faz, tem que fazer senão eu deixo com zero naquela atividade, então aquela turma que tem um pouco mais medo e não quer ficar com nota ruim acaba fazendo, mas tem gente que fala que não vai fazer e eu deixo com zero, eles não tão nem aí.

Beatriz utiliza sempre a conversa como estratégia para a participação, mas nem sempre é o suficiente,

[...] a turma do ensino médio tá cada dia menos interessada no que a escola tem a oferecer, a escola está ficando menos interessante, eles querem ficar mais no celular, porque na cabeça deles é mais legal do que ficar fazendo atividade física.

Para Beatriz, a estratégia varia de acordo com a sala. Ao trabalhar novos conteúdos, Beatriz utiliza vídeos como forma de aumentar a participação, porém o desinteresse continua grande.

Ana procura incentivar a participação de todos mostrando as possibilidades que os alunos podem ter em participação de eventos externos relacionados à competição

[...] independente do grau de aprendizado que ele esteja, de habilidade, a gente procura estar sempre incentivando e falando que todos têm a possibilidade de aprender a jogar e que a questão não é se preparar para ser um atleta ou para participar de grandes competições, mas que pelo menos quando você frequente um ambiente, um clube com os amigos, que você tenha condições de praticar qualquer habilidade, que isso vai ser legal para sua vida social e muito interessante.

Apresentadas as estratégias utilizadas pelos professores para aumentar a participação dos alunos em jogos competitivos, é notório que as estratégias variam bastante de acordo com cada um.

Dos oito professores presentes no estudo, quatro apontaram que a melhor forma de aumentar a participação do aluno é mostrar a importância daquela atividade ou fazer o aluno se sentir importante naquele momento. De acordo com Chicati (2000), a desmotivação do aluno está relacionada à falta de mostrar a eles a importância dos conteúdos e os motivos de estar sendo explorado.

Chicati (2000) também observou nos alunos do Ensino Médio quais eram os conteúdos preferidos da Educação Física, como resultado, o esporte foi o escolhido pela grande maioria. O próprio autor sugere que isso pode estar relacionado com o incentivo da mídia em passar na programação jogos de futebol e vôlei, por exemplo.

Podemos relacionar o resultado apontado acima no estudo de Chicati (2000) com as respostas de dois professores, que descrevem uma facilidade maior para trabalhar com os alunos o conteúdo de esportes e, que não necessitam de muito estímulo para os alunos participarem. Inclusive, um dos professores relaciona essa facilidade com o fato do aluno assistir muito esporte.

De acordo com um dos professores, aplicar uma metodologia diferente esbarra no costume que o aluno teve, ao longo dos anos, de sempre praticar o esporte sem nenhuma intervenção do professor, ou seja, como já foi citado nas respostas, o conhecido “rola a bola”. Almeida e Cauduro (2007) relatam que o jogo é importante, mas que o fato de promover o contato com o mesmo conteúdo durante anos e sempre da mesma forma nas diferentes séries, pode ser um dos reflexos do desinteresse.

Outra estratégia levantada por um dos professores foi utilizar de jogos em um espaço reduzido para proporcionar maior participação do aluno. Tavares e Veleirinho (1992) observaram em um grupo feminino de iniciação esportiva, com

média de idade de 11,5 anos, como seria a participação das jogadoras em um jogo de basquete tradicional e em um jogo reduzido. Segundos os resultados obtidos, foi possível concluir uma maior participação das jogadoras em um jogo reduzido, com maior contato com a bola e um maior sucesso na finalização de ações ofensivas.

A utilização de jogos reduzidos pode ser interessante quando pensamos em uma participação mais ativa do aluno, entretanto o desafio maior seria aplicar dentro do âmbito escolar, principalmente por questões de materiais e grande quantidade de alunos. Com as possibilidades apresentadas pela escola e o total domínio do professor diante a turma de alunos, dividir os alunos em diversas equipes pode despertar o interesse dos mesmos.

Dois professores citaram o uso de tecnologia dos alunos como dificuldade para aumentar a participação nos jogos. Nagumo e Teles (2016) analisaram o uso do celular pelos alunos na escola e notaram que a escola tende a proibir o uso, mas os alunos não cumprem essa regra, geralmente acabam utilizando pelo tempo livre na escola ou por causa do tédio nas aulas.

Resumidamente, as estratégias para aumentar a participação do aluno em jogos competitivos são variadas. Cada professor possui suas características e suas convicções dentro de um processo pedagógico, no mais, despertar o interesse do aluno e levar a importância dos jogos competitivos é fundamental para a não exclusão das aulas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O foco central do estudo foi identificar as formas de divisões de equipes realizadas pelos professores de Educação Física, para aplicação dos jogos competitivos escolares. Com isso, os resultados compreenderam as categorias subsequentes: 4.1 Formas de divisões de equipes e seus respectivos critérios; 4.2 Manifestações dos alunos diante da escolha de divisões de equipes; 4.3 Estratégias para aumentar a participação dos alunos nos jogos competitivos.

Apesar do tempo de atuação lecionando ser diferente entre os participantes, a formação superior de todos eles foi realizada na mesma instituição, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP.

Contudo, a semelhança na formação acadêmica dos participantes, necessariamente, não se aplica ao uso de metodologias equivalentes. Pelo contrário, foi possível constatar pensamentos distintos dos professores quando realizam a divisão de equipes.

A tomada de decisão em como dividir as equipes é diferente, mas percebe-se um cuidado dos professores em explicar ao aluno a importância e as regras do jogo competitivo, algo que Chicati (2000) ressalta, a fim de evitar a desmotivação do aluno, sendo necessário explorar o conteúdo.

Dentre as formas de divisão encontradas nos resultados, estão: divisão por habilidade, divisão perceptiva aleatória, divisão por sorteio e divisão realizada pelos alunos. Nenhum dos professores optou por realizar a divisão por gênero.

Todos os professores relataram algum tipo de manifestação do aluno diante da forma com que as equipes foram organizadas, alguns com mais veemência do que outros. Correspondem a essas manifestações os seguintes motivos: cair na equipe considerada mais fraca, cair na equipe diferente do aluno considerado mais habilidoso, não ter o direito de poder escolher e não cair na mesma equipe do amigo.

Assim como os critérios aplicados para realizar a formação das equipes, as estratégias utilizadas pelos professores para aumentar a participação dos alunos nos jogos competitivos também possuem certa disparidade. Alguns professores encontram mais facilidade para motivar a participação do aluno. Aqueles que demonstraram maior facilidade associam o fato do aluno gostar de esporte e possuir

maior estímulo com a competição. Nos outros casos, as estratégias apontadas incluem: diálogo com aluno, jogos reduzidos, controle da situação, mudança de regras do jogo, vídeos, pressão com o pretexto de a participação interferir na nota e permitir o aluno escolher sua própria equipe.

É inegável que os alunos reconhecem o seu nível de habilidade e também o de seus colegas de turma, por isso isto aparece na hora das escolhas dos times. Todavia, é fundamental que os professores mobilizem os alunos a respeitar tais diferenças, considerando, sobretudo, as diferentes experiências corporais de cada aluno e respeitando-os, sinalizando que cada um possui uma importância dentro daquele jogo. Ter a consciência de mostrar aos alunos os valores éticos e o respeito mútuo que a competição envolve, é algo imprescindível para evitar possíveis desmotivações e saber lidar com as frustrações, principalmente para aqueles que perderam.

Este estudo tem como expectativa ampliar o interesse dos pesquisadores da área sobre as formas de divisão de equipes, mobilizando-os a produzir mais pesquisas e evidenciar novos elementos que possam oportunizar ao professor outras formas de pensar e organizar suas aulas com o conteúdo de jogos competitivos escolares. Também espera-se que outros estudos possam, associados a esta mesma temática, envolver as perspectivas dos alunos neste processo, dando condições para compreendermos ainda melhor este cenário.

REFERÊNCIAS

- ALMEIRA, P. C.; CAUDURO, M. T. O desinteresse pela Educação Física no Ensino Médio. **Educación física y deportes**, AR, v, 11, n. 106, mar. 2007.
- ALTMANN, H.; EUSTAQUIA, S. S. Meninos e meninas: Expectativas corporais e implicações na educação física escolar. **Cadernos Cedes**, ano XIX, nº 48, Agosto/99.
- BETTI, M. Educação física e sociedade: a educação física na escola brasileira de 1o. e 2o. graus. São Paulo: **Movimento**, 1991.
- BETTI, M. Ensino de primeiro e segundo graus: educação física para quê? **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v.13, n.2, p.282-7, 1992.
- BETTI, Mauro. Educação física escolar: ensino e pesquisa-ação. Ijuí, RS: Unijuí, 2015.
- BRACHT, V. *Educação Física e Aprendizagem Social*. Porto Alegre: Magister. 1992
- BRACHT, V. A prática pedagógica da educação física: conhecimento e especificidade. In: _____. **Educação física & ciência: cenas de um casamento** (in)feliz. Ijuí: Ed. Unijuí, 1999. p. 41-54.
- BRANDOLIN, F; KOSLINSKI, M. C.; SOARES, A. J. G. A percepção dos alunos sobre a educação física no ensino médio. **Rev. Educ. Fís/UEM**, v. 26, n. 4, p. 601-610, 4. trim. 2015.
- BROTTO, F. O. Jogos cooperativos: o jogo e o esporte como um exercício de convivência. Santos: Projeto Cooperação, 2002.
- CHICATI, K. C. Motivação nas aulas de educação física no ensino médio. **Revista da Educação Física/UEM** Maringá, v. 11, n. 1, p. 97-105, 2000.
- CORREIA, M. M. **Jogos cooperativos na escola**: possibilidades e desafios na Educação Física escolar. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação e Letras, UNIG, Nova Iguaçu, 2004
- CORREIA, M. M. Jogos cooperativos perspectivas, possibilidades e desafios na educação física escolar. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 27, n. 2, p. 149-164, jan. 2006.
- DARIDO, S. C.; GALVÃO, Z.; FERREIRA, L. A.; FIORIN, G. Educação Física no Ensino Médio: reflexões e ações. **Motriz**, Rio Claro, v. 5, n. 2, p.138-145, dez/1999.
- DARIDO, S.C. Os conteúdos da Educação Física escolar: influências, tendências, dificuldades e possibilidades. **Perspectivas da Educação Física escolar**. UFF, v.2, n.1, p. 5-25, 2001.
- DARIDO, S. C. **Educação física na escola**: questões e reflexões. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.
- DARIDO, S. C. A educação física na escola e o processo de formação dos não praticantes de atividade física. **Rev. bras. Educ. Fís. Esp.**, São Paulo, v.18, n.1, p.61-80, jan./mar. 2004.
- FREIRE, J. B. **Educação de corpo inteiro**: teoria e prática da educação física. 4. ed. São Paulo: Scipione, 1999.

GUIMARAES, A.; PELLINI, F. C.; ARAUJO, J. S. R.; MAZZINI, J.M. Educação Física Escolar: Atitudes e Valores. **Motriz** Jan-Jun 2001, Vol. 7, n.1, pp. 17-22.

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí, RS: Unijuí, 1994.

LOVISOLO, H. Mediação: esporte rendimento e esporte da escola. **Revista Movimento**. Porto Alegre, ano VII, n. 15, p.107-117. 2001.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em ação**: abordagens qualitativas. São Paulo, EPU, 1986.

MALDONADO, D. T.; HYPOLITTO, D.; LIMONGELLI, A. M. A. Conhecimento dos professores de educação física sobre abordagens da educação física escolar. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte** – Volume 7, número 3, 2008.

MARTINS JUNIOR, J. O professor de educação física e a educação física escolar: como motivar o aluno? **Revista da Educação Física/UEM** Maringá, v. 11, n. 1, p. 107-117, 2000.

MATTOS, P. L. C. L. A entrevista não-estruturada como forma de conversação: razões e sugestões para sua análise. **RAP** Rio de Janeiro 39(4):823-47, Jul./Ago. 2005.

MEDEIROS, T. N.; PELISSER, M.; LEMOS, C. O.; CUNHA, F. M.; BOSSLE, F. O esporte no currículo da educação física escolar: um estudo de revisão bibliográfica nos periódicos da capes. **Corpoconsciência**, Cuiabá-MT, vol. 22, n. 02, p. 73-84, mai./ago., 2018 ISSN 1517-6096 – ISSN e 2178-5945.

MORAES, C. R.; VARELA, S. Motivação do Aluno Durante o Processo de Ensino-Aprendizagem. **Revista Eletrônica de Educação**. Ano I, No. 01, ago. / dez. 2007.

NAGUMO, E.; TELES, L. F. O uso do celular por estudantes na escola: motivos e desdobramentos. **Rev. Bras. Estud. Pedagóg.** 2016, vol.97, n.246, pp.356-371. ISSN 0034-7183.

PAES, R. R. **Educação Física Escolar**: o esporte como conteúdo pedagógico do ensino fundamental. Canoas: Ulbra, 2001.

REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J.; SILVA, S. A. D.; GOMES, T. M. R.; PESUTO, C. L.; BACCARELLI, W. Competições escolares: reflexão e ação em pedagogia do esporte para fazer a diferença na escola. **Pensar a Prática** 11/1: 37-45, jan./jul. 2008.

ROSÁRIO, L. F. R.; DARIDO, S. C. A sistematização dos conteúdos da educação física na escola: a perspectiva dos professores experientes. **Motriz**, Rio Claro, v.11 n.3 p.167-178, set./dez. 2005.

ROSE JUNIOR, D.; DESCHAMPS, S. R.; KORSKAS, P. O jogo como fonte de stress no basquetebol infanto-juvenil. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, 2001, vol. 1, nº 2 [36–44].

ROSE JUNIOR, D. A competição como fonte de estresse no esporte. **Rev. Bras. Ciên. e Mov. Brasília** v. 10 n. 4 p. 19-26 outubro 2002.

SCAGLIA, A. J.; SOUZA, A. Pedagogia do Esporte. In: COMISSÃO DE ESPECIALISTAS – ME. **Dimensões pedagógicas do esporte**. Brasília: Unb/Cad, 2004.

SCAGLIA, A. J.; MEDEIROS, M.; SADI, R. S. Competições Pedagógicas e Festivais Esportivos: questões pertinentes ao treinamento esportivo. **Revista Virtual**, Natal/RN, v. 3, n. 23, abril, 2006.

SILVEIRA, G. C. F.; PINTO, J. F. Educação física na perspectiva da cultura corporal: uma proposta pedagógica. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, v. 22, n. 3, p. 137-150, maio 2001.

SOARES, C. L.; FAREL, C. N. Z.; ESCOBAR, M. O. A Educação Física Escolar na perspectiva do século Educação Física Escolar na perspectiva do século 21. In ____MOREIRA, W. W. **Educação Física & Esportes**: Perspectivas para o século 21. São Paulo: Papirus, 1993.

SOARES, F. C.; MONTAGNER, P. C. A Competição Esportiva Escolar como Componente Pedagógico a Ser Refletida e Aplicada nas Aulas de Educação Física. **Motriz**, Rio Claro, v.15, n.2 (Supl.1), p.S1-S456, abr./jun. 2009.

TAVARES, F.; VELEIRINHO, A. Estudo comparativo das acções ofensivas desenvolvidas em situação de jogo formal e de jogo reduzido numa equipa de basquetebol de iniciados. **Movimento** - Ano V - Nº 11 - 1999/2.

APÊNDICE 1

QUESTÕES PARA ENTREVISTA COM OS PROFESSORES

1. Nome completo.
2. Qual Instituição Superior de Formação?
3. Em que ano se formou?
4. Quanto tempo atua como professor?
5. Para quais turmas você leciona?
6. Quando são aplicados jogos competitivos aos alunos, como são divididas as equipes? Por quê?
7. A divisão de equipes escolhida, em sua opinião, provoca algum tipo de manifestações dos alunos? Justifique.
8. Quais estratégias você apontaria para conseguir aumentar a participação dos alunos nos jogos competitivos? Cite-as.

APÊNDICE 2

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Departamento de Educação Física
Bauru, setembro de 2018.

Prezados Professores

Solicitamos vossa autorização para realização do estudo intitulado “As perspectivas dos professores de Educação Física sobre as formas de divisões de equipes para jogos competitivos” de autoria de Renato Pereira Munhoz, graduando do curso de Educação Física/UNESP, orientada pela Prof.^a Dra. Lillian Aparecida Ferreira. Este estudo tem como objetivo descobrir as formas que os professores de Educação Física utilizam para dividir as equipes em jogos competitivos, a fim de analisar os efeitos que essas escolhas geram durante a aula e as suas respectivas consequências.

A coleta de dados abrangerá: pesquisas bibliográficas e a realização de entrevista com os professores participantes.

Esclarecemos que quaisquer dos professores que participaram desta pesquisa, poderão deixar de colaborar do estudo a qualquer tempo. Ressalta-se ainda, que os nomes dos professores entrevistados permanecerão em sigilo, igualmente aos dados da instituição educacional no qual está vinculado(a).

A participação nesse estudo é gratuita, não havendo qualquer ressarcimento para os participantes nem para seus pais ou responsáveis.

A condução da pesquisa ficará sob a responsabilidade da Profa. Dra. Lillian Aparecida Ferreira (docente do Departamento de Educação Física, FC/UNESP-Bauru e orientadora da monografia), fone p/contato: 3103-6082, ramal 7612.

Certos de podermos contar com Vossa colaboração, antecipamos agradecimentos pela consideração e apresento meus cordiais cumprimentos.

Eu _____, RG nº _____, concordo em participar da pesquisa aqui apresentada, e autorizo a divulgação e publicação das informações prestadas exclusivamente para fins acadêmicos e científicos.

Assinatura do responsável

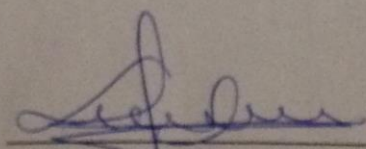
Pesquisadora responsável

Nome completo: Renato Pereira Munhoz

Email: repmunhoz@gmail.com



Assinatura do(a) aluno(a)


1

Assinatura do(a) orientador(a)